UMA PRINCESA QUE DE PRINCESA NÃO TINHA NADA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA PERSONAGEM LINDA FLOR[1]

Mary Alessan Andrade Bezerra Oliveira Nadier [2]
Prof. Dr. Raquel Aparecida Dal Cortivo [3]

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer uma análise crítica da obra *Procurando Firme*, da escritora Ruth Rocha, baseando-se na crítica feminista. A partir de uma pesquisa bibliográfica busca-se demonstrar, primeiramente características da sociedade patriarcal, em seguida discutir sobre a crítica feminista e todo o processo de luta em que as mulheres precisaram fazer para serem reconhecidas na sociedade. Posteriormente, analisaremos a obra *Procurando Firme* da autora Ruth Rocha que tem como características de contos com novos valores no qual se problematiza os principais estereótipos culturais atrelados ao papel feminino na sociedade, e a importância da desconstrução desses para que se possa entender a relevância da discussão sobre o gênero. Atrelado à análise procura-se ressaltar como os contos de fadas tradicionais representavam a mulher e como os contos "novos" evidenciam nos dias atuais, ou seja, grandes mudanças foram feitas a respeito da imagem feminina. O empoderamento feminino provocado pela inclusão de personagens diferentes dos tradicionais, àqueles que na História da humanidade são muitas vezes oprimidas, pode contribuir na construção de um mundo mais justo. O artigo é fundamentado pelos teóricos, Cândido (1985), Nye (1995), Coelho (2000), Zolin (2003), Perrot (2007), Leite e Lobo (2014) dentre outros.

Palavras-chave: Feminismo; Mulher; Gênero.

ABSTRACT: The objective of this article is to make a critical analysis of the work of Ruth Rocha, *Procurando Firme*, based on feminist criticism. From a bibliographical research it is sought to demonstrate, first, characteristics of the patriarchal society, then to discuss the feminist critique and the whole process of struggle which women had to do to be recognized in society. Subsequently, we will analyze the work *Procurando Firme* of the author Ruth Rocha that has characteristics of farry tames with new values in which the main cultural stereotypes linked to the feminine role in society are problematized and the importance of the deconstruction of these ones so that one can understand the relevance of the discussion about gender. Coupled with the analysis, one tries to emphasize how the traditional fairy tales represented the woman and how the "new" stories present in the present day, that in lothor words great changes were made regarding the feminine image. The feminine empowerment brought about by the inclusion of characters other than the traditional ones, those who in the History of humanity are often oppressed, can contribute to the construction of a more just world. The article is founded by theorists, Cândido (1985), Nye (1995), Coelho (2000), Zolin (2003), Perrot (2007), Leite e Lobo (2014), aming others.

Key-words: Feminism; Women; Gender.

---

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2019/1.

[2] Acadêmica do Curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa do IEAA/UFAM.

[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM.

1. INTRODUÇÃO

Antes de iniciarmos nossa discussão sobre a obra *Procurando Firme* e seus elementos, será necessária uma breve apresentação sobre a carreira da autora e de suas obras. Ruth Rocha nasceu no dia 2 de março de 1931, na cidade de São Paulo e formou-se em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Ela começou sua vida como escritora em 1967, na revista *Cláudia*, escrevendo sobre educação, com o objetivo de atingir o público feminino. Posteriormente a autora recebeu um convite da revista *Recreio* em que publicou várias histórias infantis. Ruth Rocha publicou seu primeiro livro infantil, *Palavras, Muitas Palavras*, em 1967, com o objetivo de mostrar as crianças que aprendem a ler sem nenhuma diversão e após isso foi publicando diversas obras como *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976), *O reizinho mandão* (1978) e muitas outras que hoje podemos prestigiar.

O livro *Procurando Firme* da autora Ruth Rocha servirá de análise para elaboração deste trabalho, tendo em vista que sua primeira publicação foi em 1984 e o principal assunto que será explanado é a imagem feminina e a contestação dos estereótipos que foram criados sobre a mulher. Essa obra consegue problematizar uma das maiores questões sobre as diferenças de gênero no que se refere ao papel da submissão e a desvalorização da imagem feminina que por muito tempo perpetuou sobre a mulher.

No livro o narrador conta, usando muito humor e de maneira descontraída, a história de uma princesa de contos tradicionais e no decorrer dessa história a autora inverte os valores patriarcais impostos à princesa. Realizaremos uma análise fundamentada na crítica feminista, de modo a evidenciar o quanto a divisão entre homens e mulheres foi perpetuada por anos na nossa história. Através da obra conseguimos questionar os modelos que serviram durante muito tempo para definir o que é adequado para menino e o que é adequado para menina.

A representação feminina encontrada na obra *Procurando Firme* é de extrema importância para valorizar e situar a história da mulher, pois durante muitos anos a mulher ficou esquecida social e culturalmente. Além de valorizar a imagem feminina, é possível perceber que a obra rompe com o preconceito e a ideia de superioridade que os homens tem sobre as mulheres.

A literatura rompe com esses valores tradicionais, pois os novos contos infantis, além de divertir a criança, têm o objetivo de trabalhar os temas sociais, entre eles os relacionados à submissão e aos preconceitos que foram criados em torno da mulher. A literatura é de suma importância na educação das crianças e dos jovens, pois através dela aprende-se que a igualdade social é um benefício para ambos os sexos e deve ser respeitado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O FEMINISMO E AS QUESTÕES DE GÊNERO

A reivindicação de uma sociedade mais igualitária, com ampla participação dos sujeitos que a compõem, é antiga e reveladora dos lugares de poder ocupados no ocidente por um tipo específico: homem, branco, cristão, heterossexual e de classe alta. Assim, muitos movimentos insurgentes se delineiam para abrir espaço nessa sociedade de base patriarcal, dentre os mais contundentes e significativos está o movimento feminista.

O feminismo é um movimento social que tem se transformado ao longo dos anos. Com o surgimento de algumas reinvindicações no feminino, podemos dividir o movimento em três grandes períodos, ou melhor, em três grandes ondas que visavam melhorias. Essas ondas foram e são até hoje de extrema relevância para os direitos das mulheres, contribuindo de maneira decisiva para os direitos conquistados na atualidade**.** O movimento feminista surge na metade do século XIX, mas isso não significa que ele não tenha contribuições anteriores. Foi nesse período que o movimento ganhou força nos Estados Unidos e na Europa.

As primeiras manifestações ficaram conhecidas como a primeira onda feminista. Nessa primeira onda, as mulheres tiveram mais aproximação com as lutas sociais, ou seja, as mulheres lutaram por direitos políticos, educação e também reivindicaram a questão matrimonial. Uma obra que conquistou um marco muito importante para as feministas foi a *A vindication of the rights of woman*, da autora Mary Wollstonecraft, em que defendia o diareito das mulheres a educação e igualdade. Vale lembrar também que nessa onda muitas mulheres buscavam trabalho e com isso houve grande defasagem de salários e carga horária trabalhada, pois os donos de empresas não pagavam para as mulheres os mesmos salários que os homens recebiam (LOURO, 2011).

Depois de tanto sofrer com explorações, defasagens salariais e péssimas condições de trabalho, elas resolvem unir-se aos homens para reivindicar direitos, mas as lutas operárias só beneficiaram os homens e elas continuaram como estavam. Após tanta luta sem sucesso de igualdade no mercado de trabalho, as mulheres desenvolveram a teoria feminista marxista (NYE, 1995).

Com isso surgem as sufragistas que dão mais visibilidade ao movimento e elas lutavam pelo direito ao voto. É de extrema importância mencionar que as sufragistas surgiram

na Inglaterra e o movimento buscava unir as mulheres burguesas e as operárias em prol de um só motivo que era o direito de votar, fazendo a diferença na sociedade.

Com o movimento consolidado e de forma pacífica, elas não conseguiram muito sucesso e viram que muitas vezes eram ridicularizadas, mesmo mostrando o quanto a participação do voto era importante para elas. Assim, as mulheres que gritavam por seus direitos de forma mais civilizadas passaram a ser mais violentas e com isso acreditavam que chamariam mais atenção para os seus objetivos (ALVES E PITANGUY, 1981).

O período final da primeira onda é marcado por muitas lutas e reinvindicações que serviram de base para a segunda onda. Vários questionamentos foram feitos a respeito das desigualdades femininas e inclusive política.

A segunda onda começa com a publicação de *"O segundo sexo"*, de Simone de Beauvoir, em 1949. Essa obra foi de extrema relevância para as feministas, pois ela discuti vários questionamentos voltados para as questões familiares e reflexões relacionadas ao dia a dia das mulheres em seu ambiente doméstico e social. Com isso, o que antes se configurava apenas como reinvindicações políticas e trabalhistas passou a questionar o motivo das diferenças entre homens e mulheres.

Contudo, o movimento feminista nessa segunda onda procurava abordar as causas de opressão da mulher, sexualidade e a dominação que os homens tinham sobre suas esposas (LOURO, 2011). O que antes eram questões sociais, transformou-se em lutas a favor da liberdade feminina.

Após muitas lutas em que elas questionavam a importância voltada ao gênero e o que as fazia diferentes dos homens, perceberam também que existia uma grande necessidade de renovação nos pensamentos feministas. Então, a partir de 1990, o movimento passa a questionar o próprio feminismo, pois se percebia que as reinvindicações só favoreciam o público de mulheres brancas de classe média. Assim, a terceira onda fica marcada pelo movimento de desconstrução em que se almejava a participação de todas as mulheres sem distinção de cor, raça ou cultura, pois todas sofriam dos mesmos abusos e desigualdades sociais (LOURO, 2011).

Um dos conceitos centrais para o feminismo é o conceito de gênero, pois ele permite o combate contra as afirmações de inferioridade que foram impostas durante muito tempo. Ao analisarmos as contribuições do movimento feminista para o desenvolvimento da literatura, conseguimos notar que o conceito de gênero foi de suma importância para que as feministas combatessem as injustiças causadas ao sexo feminino. Desta forma, a diferenciação entre sexo e gênero foi muito importante para que fossem possíveis conquistas relacionadas ao voto, ao

trabalho, entre outras. Assim, surgem os primeiros argumentos feministas que questionavam as diferenças entre homens e mulheres. Antes, proclamavam as injustiças que eram praticadas contra as mulheres e, agora, procuravam mostrar que elas eram tão capazes como os homens para diversas atividades, evidenciando que as diferenças não eram biológicas e, sim, sociais.

Partindo desses pressupostos de que o movimento feminista contribuiu e muito para que houvesse uma distinção entre sexo e gênero, é possível perceber que o gênero está relacionado a questões de desigualdades sociais e os conceitos que foram criados há muito tempo a respeito das distinções entre homens e mulheres que atuam como relações de poder excludentes para as mulheres.

Ao pensarmos sobre a distinção que por muito tempo vem se perpetuando em nossas vidas, é possível analisarmos o papel que criamos em torno de uma gestação que acaba definindo o sexo que o bebê precisa nascer, ou seja, na gestação procuramos definir como vai ser o ambiente e as cores das vestimentas da criança. Conforme ressaltam Leite e Lobo (2014, p.1) “antes de nascermos já começamos a ser definidos: desde o ultrassom quando o pai e a mãe, ao verem se o bebê tem um pênis ou uma vagina, decidem se o quarto vai ser azul ou rosa (se vai ter dinossauros ou florzinha na parede e assim por diante)”. Através dessa discussão, podemos elucidar que muitos pais fazem leituras de contos de fadas tradicionais para seus filhos e esses contos estão repletos de ensinamentos do que e como a menina deve ser e como o menino precisa ser e agir.

Conforme falamos acima sobre as características impostas nas crianças, antes mesmo do nascimento, fica evidente que, muitas vezes, determinamos os papeis e comportamentos de homens e mulheres antes mesmos deles serem capazes de compreender e escolher sua própria identidade. A partir disso, chegamos acreditar que os estereótipos são criados de forma que ensinam as crianças com o que elas devem brincar, de qual cor devem gostar e como devem se comportar na sociedade.

A literatura, nesse sentido, reproduziu muitos desses estereótipos. O movimento feminista possibilitou o surgimento de uma crítica literária voltada para o questionamento dessas formas de representação. Assim, através das leituras e análises dos textos é possível perceber a imagem feminina de forma negativa que por muito tempo foi transmitida ao leitor.

Para Cândido (1989), a literatura tem o papel de formar o indivíduo, pois ela propicia o debate, o questionamento e a denúncia de problemas do cotidiano. Desta forma o movimento feminista permitiu que a crítica literária quebrasse alguns estereótipos e criticasse os problemas que envolviam a imagem feminina.

A teoria da literatura muito discute a função da literatura e, com frequência, os teóricos chegam à conclusão que ela atua na formação profunda do ser humano. Segundo Coelho (2000, p. 27) “A literatura é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática: o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. Com isso percebemos que a literatura atua educação, pois faz com que o leitor se torne mais crítico e tenha um amplo conhecimento em diversos assuntos relacionados à sociedade. Nesse sentido, a crítica literária contribuiu para que a literatura percebesse a imagem da mulher marginalizada e submissa que aparecia nos textos literários.

2. FEMINISMO E CRÍTICA LITERÁRIA

A crítica literária feminista surge com a necessidade de esclarecer e desvendar a marginalização que historicamente foi imposta sobre as mulheres. A maioria dos textos era escrita por homens e dessa forma na escrita masculina perpetuava a submissão da mulher. Quando nos deparamos com leitoras mulheres, percebemos o quanto a interpretação fazia com que a imagem da mulher fosse limitada a certos espaços e a certos comportamentos desejáveis. Quando as personagens femininas eram representadas em situações diferentes das desejáveis, eram julgadas negativamente.

Assim, existiam grandes diferenças na maneira de descrever a mulher pelos escritores e surgiu a necessidade de a mulher escrever para mulheres mesmo recebendo muitas críticas, pois só as mulheres sabiam sobre assuntos do seu cotidiano. Durante muito tempo, a mulher vem buscando seu espaço na sociedade e tentando mostrar que elas não são frágeis, não são submissas e muito menos aceitam ser tratadas com a única utilidade de procriar. Como ressalta Nye:

> As mulheres devem ser educadas para agradar os homens e ser mães. Devem ser educadas na reclusão sexual e castidade que legitimam a paternidade. Devem aprender a estimular o desejo masculino e ao mesmo tempo impedir a lascívia dos homens. A sedução é própria de sua natureza; elas são desejosas de agradar, modestas, tolerantes da injustiça, ardilosas, vãs, e artísticas em grau menor. Na família, os homens devem governar essas frívolas criaturas. (NYE, 1995, p.20)

Nesse sentido, as mulheres ficaram por diversos anos obedecendo aos desejos de seus maridos e a falta de direitos fez com que elas lutassem pelo direito ao voto, pois a partir desse

direito conquistado acreditavam que poderiam conseguir melhorias. Foi através das reinvindicações ao direito de votar que a mulher foi ganhando visibilidade para continuar com suas lutas por igualdade, conforme demonstramos no item anterior.

Então, podemos dizer que a crítica Feminista trabalha no sentido de desconstruir tudo aquilo que foi construído para as mulheres, ou seja, tudo que foi criado para que a mulher fosse perfeita aos olhos dos homens. Foi uma grande contribuição para que pudesse ser despertado o senso crítico nas mulheres e assim fossem transformados os paradigmas criados em torno da esfera feminina.

Além de muitas proibições, a mulher, também, ficou privada de conhecer a literatura, ou seja, só os homens recebiam educação e então podemos dizer que o público leitor era a maioria masculina, assim como os escritores em sua maioria eram homens (BELLIN, 2011). Como avanço das ondas feministas, as mulheres reivindicaram o direito à escolarização e após isso começaram a ler frequentemente romances, pois nos romances continham assuntos relacionados ao seu cotidiano.

As mulheres começaram seu percurso leitor com livros de romance e isso foi um estopim para que o romance sofresse fortes críticas, ou seja, as obras românticas ficaram sendo marginalizadas por ser algo aderido pelo público leitor feminino e por diversos críticos essas obras não eram levadas a sério por ter “temas de mulher”. Os temas abordados nas obras eram assuntos que falavam exatamente do seu cotidiano como o casamento, ilusões amorosas e ciúmes (BELLIN, 2011).

A Literatura começa a questionar os valores que por muito tempo não eram questionáveis, ou seja, com o movimento feminista, os(as) críticos(as) procuravam analisar e refletir a imagem do homem/mulher nos livros literários. A crítica feminista assume essa perspectiva. Para Zolin (2003, p.218), “Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo.” Desta forma, muitas obras literárias tratavam a respeito dos comportamentos femininos, questões familiares, casamento e o lugar da mulher na sociedade, mas esses temas, que eram comuns, passaram a receber críticas pelo fato da mulher ter conquistado e compreendido que seu espaço não era apenas aquele determinado socialmente e limitado ao ambiente doméstico.

As mulheres começam a perceber que a literatura produzida, até então só as mostrava de forma restrita e passam a demonstrar isso em suas críticas, desconstruindo e denunciando a opressão produzida pela imagem da mulher idealizada pelo patriarcado. Assim, propunham novas leituras e uma nova literatura com o propósito de questionar as condições em que a

mulher vivia. Desta forma, tanto a leitura como a escrita sofreram mudanças, pois as mulheres passaram a ter uma visão mais crítica sobre os assuntos abordados, ou melhor, foi possível analisar a forma distorcida das representações literárias das mulheres.

Por muito tempo, a escrita e o saber literário estiveram presos ao poder do homem e em muitos casos de autoria feminina foi preciso criar pseudônimo masculinos, pois uma obra de autoria feminina não tinha tanta visibilidade na época como a de um escritor. Assim como vários direitos e deveres que as mulheres possuem hoje, a produção literária feminina é fruto de muita luta do movimento feminista.

Como explana Zolin:

> Historicamente o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não-brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc. Para a mulher inserir-se nesse universo, foram precisos uma ruptura. (ZOLIN, 2003, p. 327)

Zolin ressalta que a mulher não tinha privilégio no poder da escrita, pois ela pertencia à classe menos favorecida da sociedade. A mulher foi silenciada e não participava da história, ou seja, o passado das mulheres está carregado de confinamento e esquecimento sobre a sua existência.

Aos poucos a postura feminina foi sendo transformada na sociedade e com isso a mulher sentiu a necessidade de se expressar. Desta forma, costuma-se situar a escrita feminina em três grandes momentos que foram de suma importância para o movimento feminista. Essas fases de autoria feminina recebem o nome de *Feminina*, a *Feminista* e a *Fêmea* (ou mulher) e cada uma delas teve um avanço significativo para autoria feminina, a partir dos estudos de Elaine Showalter (ZOLIN, 2003, p.330).

Na fase Feminina, que ocorreu por volta de 1840 a 1880, não houve nada de que pudesse mudar a escrita de autoria feminina, pois existia a repetição dos padrões do modelo patriarcal, ou seja, permanecia a repetição e a internalização dos valores que estavam em vigência na época. Conseguimos perceber por meio do romance Janey Eyre da escritora Charlote Brontë que seguia os mesmos modelos impostos pelo patriarcalismo, conforme explana Zolin (2003, p.330).

Já a segunda fase, que recebeu o nome Feminista, ocorreu entre o período de 1880 a 1920, com o propósito de romper com os modelos vigentes da época. O principal foco nesse período era desconstruir o modelo de escrita, ou seja, a forma com que as mulheres eram

mencionadas nessas obras literárias (ZOLIN, 2003, p.330). Além de desconstruir o modelo patriarcal, essa fase tinha como objetivo a luta em defesa dos direitos das minorias, naquele período as mulheres pertenciam a essa classe.

A fase Fêmea tem seu início ainda no ano de 1920 e permanece até os dias atuais, mas ocorreu uma mudança por volta de 1960 que representava a auto consciência. Nesse período a autoria feminina tinha como principal foco a questão relacionada ao gênero e a busca pela sua própria identidade (ZOLIN, 2003, p.330).

Essas fases foram e são até hoje de extrema importância para a compreensão das obras de autoria feminina e evidenciam a problematização de temas que eram abordados nas obras de autoria masculina que, em sua grande maioria mostravam a submissão e a marginalização da imagem feminina.

Atualmente, conseguimos notar que existem várias obras de autoria feminina que descrevem a mulher como realmente ela é, ou seja, independente, forte, guerreira e dona de si. Além disso, tais posturas nas obras descontroem a ideia essencialista do feminino como o oposto do masculino, cujas características estariam no polo da positividade (ação, coragem, trabalho, intelecto) enquanto os traços do feminino estariam no polo da negatividade (passividade, fragilidade, emoção). Assim, a abordagem dual e excludente dos gêneros imposta pelo patriarcado é problematizada.

3. UMA HISTÓRIA QUE PARECE, MAS NÃO É...

Na obra *Procurando Firme* (2009) da autora Ruth Rocha, percebemos que ela consegue problematizar as mais importantes questões sobre o feminino, as diferenças de gênero, o papel do homem e da mulher, as coisas de meninos e meninas e diversas questões que por muito tempo ficaram estereotipadas como sendo para ou de “mulheres”.

A história no livro é contada com humor, pois a autora procura relatar uma história de princesa, com castelo, rei, rainha e príncipes e tudo que possui um conto de fadas. De maneira bem diferente e descontraída, Ruth Rocha inverte os padrões tradicionais e mostra novos valores sociais. E assim nos faz refletir e questionar muitos modelos que servem até hoje como padrões para meninos e meninas ou até mesmo para homens e mulheres.

Inicialmente, percebemos que a obra possui diversos elementos que nos remetem aos contos tradicionais, pois o texto elenca valores e condutas presentes nesses contos. Mas no decorrer da leitura fica evidente que a autora vai descrever de forma bem humorada essa

história, ou seja, ela mostra os valores tradicionais e posteriormente critica esses valores apresentando a transformação de uma sociedade na alegoria de uma história de princesa.

A literatura infanto-juvenil tem como uma de suas características o objetivo de formar o leitor de acordo com a sociedade da época, ou seja, os livros podem ensinar o que era pertinente a meninos e o que era permitido para meninas, podem representar os comportamentos desejáveis e as obras mais tradicionais fazem isso por meio da exemplaridade. Assim, um comportamento que era permitido para meninos não era permitido para meninas, desta forma o conto tradicional ensinava a menina a se comportar de maneira recatada, cuidar da aparência e dedicar-se aos afazeres do lar, enquanto os meninos eram ensinados a serem homens fortes, donos de si e donos de suas esposas, pois tinham que ser provedores do lar.

No livro *Procurando Firme* percebemos uma crítica a esses valores tradicionais que foram impostos e percebemos uma valorização do sujeito feminino. Com o decorrer da leitura evidenciamos a quebra de obediência e o questionamento através da personagem Linda Flor.

A seguir será apresentada a análise da obra na qual buscaremos evidenciar como os temas ligados ao gênero são desenvolvidos e representados de maneira a postular o que Nelly Novaes Coelho denomina “novos valores” (2000, p.21).

3.1 CASTELO, PRÍNCIPE, PRINCESA, REI, RAINHA E ATÉ DRAGÃO

Diferente de muitas histórias infantis a obra *Procurando Firme* já começa em forma de diálogo, ou seja, não tem a presença do “era uma vez” como a maioria dos contos tradicionais começam. O diálogo passa uma imagem de como será o decorrer de toda a história, percebemos isso na seguinte passagem: “Uma história que parece de conto de fadas, mas não é.” Com isso ficamos curiosos para saber como será apresentada essa história e quais os assuntos serão abordados já que não é uma história como as outras, ou seja, com final feliz, com casamento, amor e transformação de uma menina pobre em princesa, como notamos no trecho a seguir:

> Esta é uma história de um príncipe e uma princesa. _Outra história de príncipe e princesa? Puxa vida! Não há quem aguente mais essas histórias! Dá um tempo!
> — Espera um pouco, ô! Você não sabe ainda como a história é.
> — Ah, isso eu sei” Aposto que tem castelo!
> — Ah, tem, castelo tem.

> — E tem rei e rainha.
> Ah, rei e rainha também tem.
> [...] Puxa vida Puxa vida! E você vem dizer que não é uma daquelas histórias chatíssimas, que a princesa fica a vida inteira esperando o príncipe encantado?
> — Ah, vá, deixa eu contar. Depois você vê se gosta. (ROCHA, 2009, p.6)

A princípio não fica claro qual o tipo de história será contada no livro, mas o narrador nos passa que será diferente de tudo aquilo que já estamos acostumados a ler. Quando o contador da história começa a falar dos elementos presentes na narrativa, temos a impressão que a história segue o mesmo protocolo, mas ele mesmo ressalta que não será um conto de princesas como os demais. Dessa forma, a narrativa nos passa uma ideia de renovação dos valores e de tudo aquilo que estamos acostumados a ouvir ou ler no nosso cotidiano.

Conforme o esperado pelo narratário, muitos elementos tradicionais estão presentes na história que inicialmente parece seguir igual aos contos tradicionais, pois o príncipe aprendia a ser um homem forte para conquistar o mundo a fora ou até mesmo uma princesa. Sua ocupação diária envolvia coisas ditas de "Homem", pois o homem precisa ser forte para ser um bom príncipe. No trecho abaixo, descreve-se como o príncipe era preparado para as descobertas do mundo:

> Mas o príncipe, desde pequeno, estava sendo treinado para sair um dia do castelo e correr mundo, como todo príncipe que se preza faz.
> Ele tinha professor de tudo: professor de esgrima, que ensinava o príncipe o príncipe a usar espada; professor de berro...
> [...] Tinha aula de corrida, que era para atravessar bem depressa o pátio e chegar logo no muro… tinha aula de alpinismo, que é a arte de subir nas montanhas e que ele praticava nas paredes do castelo; tinha aula de tudo quanto é língua, tudo era para quando ele saísse do castelo e fosse correr mundo pudesse falar com as pessoas e entender o que elas diziam. (ROCHA, 2009, p.8-9)

Como em todos os contos de fadas, os príncipes são criados para lutar e serem fortes e as princesas ficam presas nos castelos, aprendendo coisas de "mulher", ou seja, elas aprendem a costurar, bordar e ter uma voz adorável. Percebemos que há uma distinção nos ensinamentos do príncipe e da princesa, isto é, ele aprendia coisas de homem e a princesa ocupava seu tempo aprendendo coisas que pudessem agradar seus pretendentes. Enquanto o príncipe aprendia coisas que o deixam mais forte para o mundo a fora, a princesa tinha que esperar em casa com os dotes que possuía. Dessa forma, nos remete ao período patriarcal, pois a mulher por muitos anos ficou presa aos desejos do seu marido e foi criada para ser boa esposa. Isso remete para o caráter relacional cultura/aprendido do gênero, pois os homens eram destinados a um tipo de aprendizado que não era pertinente às mulheres.

No livro *Procurando Firme*, de Ruth Rocha, a princesa Linda Flor inicialmente recebe os mesmos tratamentos de uma princesa qualquer, ou seja, precisa ser prendada para, quando o seu pretendente chegar, ela poder dizer que será uma boa esposa. Veremos abaixo as ocupações de uma princesa e o que ela precisava fazer para casar.

> — A princesa se ocupava de ocupações principescas, quer dizer, a princesa tomava aulas de canto, de bordados, de tricô, de pintura em cerâmica. A princesa fazia cursinhos de iniciação à poesia de Castro Alves, estudava um pouquinho de piano, fazia flores de marzipã…
> — O que é marzipã?
> — Ah, marzipã é um doce muito caro, que ninguém come mais, que não há dinheiro que chegue...
> "E ela aprendia a enfeitar bolo, a fazer crochê com fios de cabelo..." (ROCHA, 2009, p.13-14).

Observamos essa passagem que narrador e narratário, materializados no diálogo inicial, continuam presentes ao longo da narrativa como intrusos que antecipam e esclarecem as dúvidas dos leitores mirins. Nesse sentido, podemos afirmar que, desde a forma de narrar, como já destacamos no início, essa história modifica o modelo tradicional. Além dos elementos que caracterizam o espaço destinado à princesa e todos os dotes que a princesa precisava aprender para ter um pretendente, o livro também evidencia a beleza feminina. Os livros de contos tradicionais ressaltam a beleza, os dotes culinários e artesanais que a mulher precisava aprender para ter um bom casamento. O mesmo acontece com Linda Flor que no livro é descrita com uma beleza única.

> "[...] Era linda como os amores e tinha os olhos mais azuis que o azul do céu, e tinha os cabelos mais dourados do que as espigas do campo e que tinha a pele branca como as nuvens nos dias de inverno…"
> [...] A pele da princesa era branca, pronto. [...] As mãos eram macias, os pés eram pequenos, e a voz da princesa era maviosa.
> — Maviosa?
> — É, maviosa, melodiosa! (ROCHA, 2009, p.12)

Como muitos outros contos de fadas que ressaltam a imagem da princesa como uma das mais belas e como um item de extrema importância para arrumar um casamento, essa princesa também foi descrita da forma mais bela possível. Assim nos fazendo analisar e criticar a postura rotulada para as princesas durante muito tempo, ou seja, a imagem feminina transformada em item raro de decoração para o prestígio de quem o adquirisse. Há nesse processo uma forma de objetificação da mulher, como se precisasse seguir um padrão único de beleza para ter um marido.

Além da beleza feminina, outro fator importante nos contos tradicionais era o casamento de uma filha mulher, ou seja, o casamento era um meio de salvar e garantir o futuro de uma princesa ou de uma mulher. Os pais de Linda Flor tinham os mesmos planos para sua filha, mas com a chegada do primeiro pretendente percebemos uma inversão de valores, pois ela não gostou do primeiro príncipe. Vale ressaltar que as mulheres não podiam escolher seus maridos e muito menos dar opinião sobre eles.

> No que o príncipe chegou lá em cima já foi fazendo uns salamaleques para a princesa e já foi perguntando se ela queria casar com ele.
> Mas a princesa estava desapontada! Aquele não era o príncipe que ela estava esperando! Até que ele não era feio, tinha umas roupas bem bonitas, sinal que devia ser meio riquinho, mas era meio grosso, tinha um jeitão de quem achava que estava abafando, muito convencido! (ROCHA, 2009, p.18-19)

Diferente de muitos contos de fadas tradicionais, Linda flor quebra barreiras e não mostra satisfação em conhecer esse príncipe e muito menos casar-se com ele. Ela não se mostrava amável como deveria, pois para ter um casamento a mulher precisava mostrar a submissão e fazer os desejos do pretendente. Notamos que existe uma quebra dos valores, que foram impostos por muitos anos, e a consequente transformação desses valores para adequar-se aos modos de vida contemporâneos, pois a mulher não podia negar um pretendente e muito menos desobedecer a seu pai – o "homem da família" – símbolo máximo de autoridade.

> — Ai, mãe, não vou não, estou com preguiça.
> — Que é isso, minha filha, você nunca, nunquinha na sua vida teve preguiça… Então vai fazer uns fiozinhos d'ovos pro moço ver como você é prendada...
> — Ai, mãe, não vou não, não estou a fim de agradar esse moço. Acho ele muito chato…
> A mãe mais o pai de Linda Flor ficaram brancos de susto… Afinal, se a filhinha deles não agradasse os moços que apareciam para salvá-la, como é que ela ia arranjar casamento? Então o pai virou fera:
> — Anda logo, menina vai preparar um vatapazinho pro moço. Já e já!
> — Olha aqui pai, eu até posso fazer vatapá, sarapatel, caruru, qualquer coisa, mas tire o cavalinho da chuva que com esse príncipe eu não vou casar. (ROCHA, 2009, p.21-22)

Linda Flor quebra o estereótipo que foi colocado sobre a imagem feminina e coloca em evidência que a mulher pode ter direito a escolher e questionar os valores patriarcais. Os homens sempre eram superiores às mulheres e ocupavam o cargo de soberano do lar, ou seja, a mulher precisava ser gentil, boa esposa, obediente e educada. A representação da mulher na

obra tem como objetivo promover a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade e mostrar como essas mulheres ficaram esquecidas histórica, social e culturalmente.

3.2 A TRANSFORMAÇÃO DA PERSONAGEM LINDA FLOR

A maioria dos contos de fadas tradicionais ressaltam comportamentos que a época determinava, assim como os padrões de beleza. As princesas eram dotadas de beleza, bondade e elegância, pois para ser princesa era necessário ser bela. Características como a delicadeza, as fragilidades eram ligadas ao referido padrão de beleza da mulher (ou do feminino) e a bravura, a força e a coragem eram o padrão esperado dos homens (ou do masculino). A princesa Linda Flor segue os mesmos padrões de beleza como podemos perceber abaixo.

> Enquanto isso a princesinha, irmã do príncipe, que era linda como os amores e tinha os olhos mais azuis que o azul do céu, e tinha os cabelos mais dourados do que as espigas do campo e que tinha a pele branca como as nuvens nos dias de inverno… A pele da princesa era branca, pronto. E as mãos da princesa eram macias como… Ah, não importa. As mãos eram macias, os pés eram pequenos, e a voz da princesa era maviosa. (ROCHA, 2009, p.12)

Na maioria dos contos tradicionais existe a exaltação dos padrões de beleza feminina, as princesas são brancas, de cabelos longos e loiros, têm um rosto perfeito e são magras. A grande maioria define como a mulher deve ser para a sociedade e como o corpo feminino é idealizado. A mulher serve como alvo de crítica, pois a imagem é de suma importância para que ela seja feliz na vida. Esse modelo imposto também é refletido na personagem Linda Flor, pois seus pais a criaram para arrumar um “bom partido”.

Na descrição da personagem, a fragilidade se expressa pelo uso do diminutivo “princesinha” que corrobora os demais adjetivos elencados no parágrafo anterior. Todos eles sugerem a delicadeza esperada da mulher. No decorrer da narrativa, no entanto, notamos que ela se transforma em quem ela queria ser e não se adapta ao modelo físico e de comportamento que seus pais desejavam para ela, como podemos perceber a seguir:

> — Olha aqui. Eu posso mostrar as bolsas de macramé, os vestidos de paetê, as capas de plissê que eu fiz. Mas casar com esse cara eu não caso!
> Os pais de Linda Flor urraram de ódio! Que o príncipe era um bom partido, E assim muitos príncipes vieram, muitos príncipes se foram. Linda Flor já nem jogava as tranças pra eles subirem. Tinha posto uma escada na janela que era mais prático. (ROCHA, 2009, p.25-26)

Notamos que há uma quebra nos padrões tradicionais, pois quem já viu uma princesa colocar uma escada para não ter que fazer cara de graciosa quando o príncipe subia pelas suas tranças? A partir disso fica evidente que Ruth Rocha passa a mostrar os novos valores e ironiza os valores tradicionais que transmitiam a imagem da mulher de forma submissa.

A transformação da personagem chocou seus pais, pois ela foi criada de acordo com o sistema patriarcal em que a mulher não tinha voz nem vez. Linda Flor foi contra os ensinamentos e questionou os padrões vigentes como notaremos abaixo.

> Para falar a verdade, com grande susto dos pais, Linda Flor tinha cortado os cabelos e estava usando um penteado esquisitíssimo copiado de povos longínquos de Africolândia.
> E as roupas de Linda Flor? Ela não usava mais aqueles lindos vestidos de veludo como entremeios de renda e beiradas de arminho que a gente vê nas figuras de contos de fadas.
> Ela agora estava usando... calças compridas! (ROCHA, 2009, p.26-27)

Percebemos, no excerto, que a relação como o próprio corpo também se modifica, expressando não só a mudança do comportamento, mas a exteriorização dos desejos da personagem. Perrot (2007, p.59) nos explica, apontando que

> Por volta de 1900, o feminismo europeu ganha força, se desenvolve e reivindica a libertação do corpo. Os espartilhos caem em desuso, as saias ficam mais curtas, assim como os cabelos. Colette, já em' 1902, corta as longas tranças de Claudine [...] – Ela gaba os prazeres de "travestir-se num sexo indefinido".

Assim percebemos que a personagem Linda Flor se libertou dos modelos tradicionais, pois ela corta os cabelos e troca os vestidos de princesa por calças.

A transformação da princesa foi tão grande que chocou toda a corte, pois todos ficaram espantados com o comportamento de uma “mulher”. Por que essa transformação chocou tanto a corte? Devido à mulher ser alvo de grandes críticas na época, notamos que a postura de Linda Flor não era o padrão determinado pela sociedade. Até a tonalidade da pele da princesa foi questionada, como se sua beleza dependesse da sua cor e como se ela não fosse bonita por estar com a pele queimada do sol. A mudança da princesa causa estranhamento em todos como podemos notar a seguir.

> — E pra que ela usava calças compridas?
> — Ah, não vou dizer ainda pra não perder a graça.
> Ela usava calças compridas, que nem príncipe. E estava diferente, não sei, queimada do sol, logo ela que era tão branquinha!

> Os professores estavam se queixando que ela não ia mais as aulas de craquelê, nem as aulas de etiqueta, nem as aulas de minueto. (ROCHA, 2009, p.27-28)

Linda Flor foi contra os modelos que por diversos anos foram exigidos das mulheres na sociedade, pois ela não queria mais fazer coisas de "menina". O que eram essas "coisas de menina" para ela? Ensinamentos chatos que não faziam com que ela fosse independente e valente como seu irmão, apesar do irmão ser homem e ela, mulher, o que prevalecia nela era o desejo de igualdade. Através dessas modificações a personagem mostra que a mulher não é frágil e ironiza as afirmações de inferioridade, pois ela consegue fazer tudo aquilo que seu irmão fazia.

> — Pois é, estou aprendendo tudo que é preciso para poder sair deste castelo e correr mundo como meu irmão.
> — Correr mundo? – perguntou o rei quase desmaiando também. Mas não desmaiou porque lembrou que homem não desmaia.
> — Correr mundo? – perguntou a rainha, que já tinha acordado porque estava muito curiosa de ouvir as explicações da princesa.
> — É isso mesmo, correr mundo! Eu estou muito cansada de ficar neste castelo esperando que um príncipe qualquer venha me salvar. Eu acho muito mais divertido sair correndo mundo como os príncipes fazem. E se eu tiver que casar com alguém, eu encontro por aí, que o mundo é bem grande e deve estar cheio de príncipes pra eu escolher. (ROCHA, 2009, p.33-34)

A partir disso, podemos pensar nos estereótipos que são criados em torno das crianças, pois sempre falamos que um carrinho de brinquedo é de menino e uma boneca é de menina. O mesmo acontece com Linda Flor, que sempre foi ensinada a fazer coisas de menina como artesanato, cozinhar e esperar por um príncipe. A maioria dos contos tradicionais exalta as características dos homens e inferioriza as mulheres, assim a personagem rompe barreiras e mostra que a mulher também pode ser protagonista nas histórias e que não existem impossibilidades para a mulher fazer as coisas de "homem".

Em alguns contos de fadas contemporâneos aparecem novos valores, é possível observar as modificações e as problematizações vivenciadas socialmente, com personagens femininas que não precisam esperar por um príncipe para viver suas aventuras e conquistarem o mundo. Com isso notamos que nos contos novos as mulheres têm o objetivo de procurar sua própria felicidade e suas próprias conquistas. Percebemos que aquelas personagens frágeis e que vivem em busca do seu príncipe encantado tomam outra postura e começam a reivindicar seu espaço na sociedade. A personagem Linda Flor já está cansada de ter que fazer uma cara de felicidade quando o príncipe sobe pelas suas tranças ou ter que mostrar seus dotes para

casar, pois ela queria mesmo descobrir sua própria felicidade e conhecer o mundo do seu jeito.

> E a princesa continuava com seus treinos, todos os dias, sem desanimar.
> Até que um dia...
> Chegou o dia da princesa sair para correr mundo. Ela não quis levar muita bagagem, para não ficar pesada. Saiu de madrugada, bem cedinho. Passou pela porta da frente e lá se foi a princesa, correndo, passando rasteira, jogando pedras. Quando chegou perto do dragão deu três pulos, que ela tinha aprendido no balé, chegou perto do muro, deu um salto de vara, passou por cima da muralha, empurrou para a margem do fosso uma canoa que estava perto, remou com força e foi sair do outro lado. Pulou na margem, acenou para as pessoas que estavam olhando do castelo e se foi, pelo mundo, procurando, não sei o quê, mas procurando firme! (ROCHA, 2009, p.38)

Diferente de muitos contos, a obra *Procurando Firme* de Ruth Rocha rompe com as barreiras tradicionais e nos mostra que sendo homem ou mulher devemos ter os mesmos direitos, mas ainda existe muita discriminação e preconceito contra a mulher. Assim como Linda Flor, que lutou pelos seus sonhos, a mulher na nossa sociedade também vem buscando seu espaço há muitos anos. Notamos que a história feminina, a educação e a cultura sempre foram construídas da forma em que o homem tivesse todos os direitos e a mulher somente deveres, ou seja, a mulher como submissa ao homem. Nossa personagem foi desde pequena ensinada que ela só podia ficar dentro do castelo e seu irmão estava sendo preparado para o mundo, ou seja, a mulher sempre fazia o oposto do homem e nunca podia fazer o mesmo que ele. Até que um dia ela desafiou os limites que envolviam a imagem feminina e revelou que tudo é possível para ambos os sexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas considerações sobre a obra *Procurando Firme* da autora Ruth Rocha, percebemos que esse texto propõe a modificação conceitos preestabelecidos pela sociedade patriarcal, com isso, contribui na formação das crianças, pois é possível quebrar paradigmas que foram criados em torno da esfera feminina.

A partir de uma breve discussão a respeito da Literatura Infanto-juvenil foi possível notar que essa obra tem pontos que se assemelham aos contos tradicionais, mas no decorrer da leitura percebemos que é só uma maneira irônica de mostrar o quanto os contos ensinavam comportamentos pertinentes a cada sexo.

Os contos tradicionais possuem afirmações, comportamentos e ensinamentos tradicionais não apenas referentes às representações dos papéis para menino e para meninas, mas também no que se refere aos valores sociais.

Os contos contemporâneos descrevem as princesas como as mulheres gostariam de ser descritas há muito tempo e notamos que essas princesas são fortes, independentes e não são mais submissas ao príncipe. Assim, os contos com "valores novos" começam a desconstruir os estereótipos que foram criados e perpetuados por muito tempo.

Na obra pudemos analisar que, no começo, a princesa fazia tudo aquilo que o patriarcalismo exigia para o sexo feminino, mas no decorrer da narrativa percebemos as grandes mudança que foram sendo construídas pela personagem, assim como sua vestimenta, seu corte de cabelo e suas aprendizagens.

Com isso, Linda Flor começa reivindicar ensinamentos iguais às de seu irmão, pois ela estava cansada de fazer coisas de "menina" e as coisas de menino para ela eram mais interessantes. Dessa forma o estudo de gênero foi fundamental para que pudéssemos evidenciar a divisão sexual dos espaços sociais, pois tudo que era permitido ao homem não era permitido para a mulher. Assim, pudemos analisar na obra a representação da mulher que ocupou outros espaços na sociedade. Notamos que há uma forte crítica em busca da liberdade feminina, ou seja, a personagem se libertou dos modelos impostos e começou a fazer o que ela queria. A autora cita, em sua obra, muitas passagens que retratam as condições em que a mulher foi submetida por muitos anos, mas, por outro lado, sugere um caminho que ensina o leitor a desconstruir preconceitos que foram impostos e que continuam presentes no nosso dia a dia. Através da personagem feminina, ela combate à inferiorização feminina e faz com que o leitor analise conceitos e atitudes impostas ao sexo feminino e ao sexo masculino.

Nesse aspecto, a crítica literária feminista contribuiu muito para nossa leitura identificando na princesa, que se sentia aprisionada aos padrões ensinados pelos seus pais, a alegoria da busca de liberdade e direitos da mulher na sociedade. De acordo com sua transformação podemos considerar que a princesa está inserida na segunda onda feminista, pois ela começa a questionar sobre as diferenças nos ensinamentos que ela recebia que era diferente dos ensinamentos do seu irmão.

Assim como a mulher foi se transformando socialmente e exigindo seus direitos sociais, a princesa Linda Flor conquistou com muito esforço o direito de fazer o que queria com o seu corpo e com sua vida. Através da personagem a autora mostra as conquistas que a mulher adquiriu com o tempo, pois a princesa vai contra os modelos da época.

Essa obra se enquadra no contexto de novos valores, pois a autora faz com que o leitor reflita sobre os temas que por muito anos se perpetuaram nos contos tradicionais. Assim, o livro de Ruth Rocha traz temas como discriminação da mulher, preconceitos que recaem sobre as ações da personagem servem para denunciar todo o preconceito e toda a desvalorização da mulher, ainda presentes no nosso cotidiano, e demonstram, na alegoria bem humorada materializada na personagem Linda Flor, o percurso árduo e persistente enfrentado pelas mulheres para conquistarem mais espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira Alves; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. In: *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista:* conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004

COELHO, Nelly, Novaes. *A literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

LEITE, Beatriz H. M. LOBO, Natália. *Identidade de Gênero*: uma introdução. Revista Capitolina. 2014. Disponível em: http://www.revistacapitolina.com.br/identidade-de-genero-uma-introducao/. Acesso em: 24 de abril de 2019 às 20:00

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: Uma perspectiva pós-estruturalista. 13. Ed.
Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NYE, Andréa. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROCHA, Ruth. *Procurando firme*. São Paulo: Moderna, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Desconstruindo a Opressão*: a imagem feminina em A república dos sonhos, de Nélida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

CABRAL, Francisco; DIAZ, Margarita. *Relações de Gênero*. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/genero-1>. Acesso em: 22/04/209 às 15:36

DIANA, Daniela. *Estereótipo*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/estereotipo/>. Acesso em: 22/04/2019 às 15:50